

MEMÓRIA, IMITAÇÃO E ASSIMILAÇÃO NA VIDA COTIDIANA*MEMORY, IMITATION AND ASSIMILATION IN EVERYDAY LIFE*

Alexandre de Jesus Santos¹
Cláudio Eduardo Felix dos Santos²

RESUMO: A produção e a reprodução da realidade humano-social dependem, necessariamente, da existência da memória, pois é esta última que assegura, também, que o processo de desenvolvimento histórico não seja um eterno começar de novo. Entrementes, seria difícil entender como a aquisição das memórias se realiza sem, concomitantemente, atentar-se para o fato de que ela ocorre efetivamente no âmbito da vida cotidiana. Do mesmo modo, é crucial observar a importância que as categorias da imitação e da assimilação possuem para o desenvolvimento da memória. Portanto, o presente artigo busca evidenciar a intrincada relação existente entre memória, assimilação, imitação e como elas são operacionalizadas na estrutura da vida cotidiana.

PALAVRAS-CHAVES: Memória. Imitação. Assimilação. vida cotidiana.

ABSTRACT: The production and reproduction of human-social reality depend, necessarily, on the existence of memory, because it is the latter that also ensures that the process of historical development is not an eternal new beginning. However, it would be difficult to understand how the acquisition of memories takes place without, concomitantly, paying attention to the fact that it effectively occurs in the realm of everyday life. Likewise, it is crucial to observe the importance that the categories of imitation and assimilation have for the development of memory. Therefore, this paper seeks to highlight the intricate relationship between memory, assimilation, and imitation and how they are operationalized in the structure of everyday life.

KEYWORDS: Memory. Imitation. Assimilation. Everyday life.

INTRODUÇÃO

Em linhas gerais, pode-se definir a memória no âmbito do ser social como a capacidade de reter/armazenar todos os tipos de informações necessárias para operacionalizar a reprodução social do ser no mundo. Dos elementos inerentes ao complexo social do trabalho e da linguagem, até àqueles relativos ao campo da cultura e da ideologia, sejam as técnicas de uso das ferramentas e da matéria prima etc., ou mesmo as formas como as ideias são usadas e propagadas para influenciar

¹ Doutor em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Professor de História da Rede Estadual de Ensino do Estado da Bahia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6041-8036>. E-mail: alexandre_magno2@hotmail.com.

² Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente é professor adjunto na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0545-1102>. E-mail: cefelix2@gmail.com.



as consciências alheias (LUKÁCS, 2013), estão contidas na memória – a partir da realização de experiências concretas e abstratas realizadas pelo ser social ao longo da sua vida, individual ou coletivamente.

A memória, em condições normaisⁱ, é uma categoria essencial e indispensável para garantir a reprodução do ser social. Se é verdade que apenas o trabalho é capaz de criar novas causalidades postas, é também verdade que sem a existência da memória na sua forma de ser-precisamente-*assim*, tampouco, qualquer objetividade poderia ser criada, uma vez que o acúmulo dos conhecimentos, técnicas, materiais etc., em suma, todas as informações necessárias e indispensáveis para a reprodução social do ser no mundo, sem a participação efetiva da memória, seria, apenas, um dado instantâneo resultante da apropriação de uma consciência epifenomênica que, em segundos, poderia ser esquecido e o processo de aquisição do conhecimento teria de começar de novo.

Conforme aduz Santos (2021), é devido, também, a existência da categoria da memória, aqui compreendida como uma categoria ontológica do ser socialⁱⁱ, que o processo de desenvolvimento histórico é assegurado, mediado pelo constante incremento das forças produtivas e todas as relações aí implicadas, transmitindo de geração em geração que, realizando sempre o mesmo processo de produção e reprodução ao seu próprio modo, garante o contínuo desenvolvimento histórico-social. Esta é a razão, aliás, pela qual a humanidade não precisa começar de novo a cada dia.

Cabe salientar, contudo, que embora a memória seja uma dimensão da neurofisiologia cerebral, portanto, um elemento orgânico e biológico da estrutura neuropsíquica também do ser social, cuja existência é de fundamental importância para a operacionalização dos processos de consciência e intencionalidade que permitem colocar em movimento as informações contidas na memória, pode-se afirmar que *a memória, em sua dimensão eminentemente social, é imprescindível para o devir humano e, apesar de depender das funções neuropsíquicas para sua manifestação, seu conteúdo é rigorosamente social, construído e significado historicamente.*

É preciso ressaltar ainda, tomando como referência Lukács (2012; 2013) e Heller (2014), que todo o processo de produção e reprodução, de aquisição de conhecimentos provenientes de experiências concretas e abstratas ocorrem, predominantemente, no âmbito das relações desenvolvidas no terreno e na estrutura da vida cotidiana. O complexo cotidiano da vida afiança que as atividades cogentes e necessárias para colocar em movimento a reprodução social ocorram de um modo tal que a categoria da cotidianidade deve aparecer em sua forma mais dinâmica e com toda a relevância que possui, dado que é ela – com quaisquer manifestações possíveis de



contradição, de continuidade e descontinuidade – o terreno da contraditoriedade social entre os interesses coletivos e os individuais e nela é que se processa tanto a memória quanto a reprodução social.

Desta maneira, tomando como referências os autores citados no parágrafo anterior, este artigo busca refletir, a partir do materialismo histórico e dialético, sobre o papel que as categorias da assimilação e da imitação ocupam na estrutura da vida cotidiana buscando evidenciar, neste sentido, como elas se relacionam com a categoria da memória contribuindo, assim, para assegurar o contínuo desenvolvimento histórico através da reprodução social.

A VIDA COTIDIANA

Antes de entrar especificamente no problema em foco, cabe realizar aqui alguns esclarecimentos sobre o que está sendo definido como vida cotidiana e qual a sua estrutura efetiva. Para tanto, toma-se como base, as importantes contribuições de Agnes Heller (2014) nas quais a autora busca definir a vida cotidiana afirmando que ela se refere necessariamente

[...] a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão social do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. E, ao contrário, não há nenhum homem, por mais “insubstancial” que seja, que viva tão-somente na cotidianidade, embora essa o absorva preponderantemente (HELLER, 2014, p. 31).

Trata-se, portanto, da esfera da reprodução social na qual todos os seres estão inseridos e são partícipes efetivos. De fato, a maioria dos indivíduos vivem, frequentemente, absortos e consumidos pelas determinações estruturais da vida cotidiana, cujas preocupações básicas e fundamentais se estabelecem em torno das necessidades de assegurar as condições mínimas adequadas para a reprodução social. Em outras palavras, a vida cotidiana volta-se, prioritariamente, para a sobrevivência imediata.

A formulação de Heller se dá no sentido de estabelecer que todas as relações sociais das quais participa o indivíduo estão direta e irreversivelmente articuladas à esfera da vida cotidiana e suas respectivas estruturas. Os aspectos determinantes da vida social, os imperativos materiais que influenciam sobremaneira a composição dos valores, as escolhas alternativas, a ação e a reação que são realizadas no decorrer da vida, a forma como se realiza a organização para produzir e reproduzir a vida social, se constrói e reconstrói no âmbito da vida cotidiana onde, efetivamente, deve-se lidar com as questões postas na ordem do dia e formular respostas eficazes. Salienta também que mesmo irreversivelmente conectado à esfera da vida cotidiana, existe o polo não cotidiano da vida,



momento no qual o ser individual-singular salta para fora da cotidianidade identificando-se com as aspirações, anelos e realizações do gênero humano. Rossler sintetiza que

A vida cotidiana é constituída a partir de três tipos de objetivações do gênero humano (objetivações genéricas em-si), que constituem a matéria-prima para a formação elementar dos indivíduos: a linguagem, os objetos (utensílios, instrumentos) e os usos (costumes) de uma dada sociedade. Já as esferas não-cotidianas se constituem a partir de objetivações humanas superiores (objetivações genéricas para-si), isto é, mais complexas, como as ciências, a filosofia, a arte, a moral e a política (2004, p. 102).

No terreno da formação mais elementar da vida humana, no âmbito da categoria mais fundamental do ser social a esfera da vida cotidiana exerce um papel importante na medida em que é nela que esta atividade social basilar é desenvolvida. Lukács afirma, neste sentido que “o fato simples de que no trabalho se realiza um pôr teleológico é uma experiência elementar da vida cotidiana de todos os homens, tornando-se isso um componente imprescindível de qualquer pensamento, desde os discursos cotidianos até a economia e a filosofia” (LUKÁCS, 2013, p. 47). Se esse aspecto mais fundamental para o ser social decorrente do trabalho, os pores teleológicos, nos quais já estão contidos desde os seus primórdios os germes do desenvolvimento da subjetividade humana no seu entrelaçamento com a vida material, compõem na condição de um aspecto elementar da vida cotidiana de todos os homens, então é de se pensar que é nessa esfera da vida que se produz e reproduz os complexos sociais, mesmo aqueles que se propõem ir para além dela.

Por essa perspectiva, sendo a vida cotidiana aquela na qual todos os homens estão inseridos e, a partir dela, se produzem e reproduzem com maior ou menor imersão, é preciso inferir que ela se refere a

[...] vida dos mesmos gestos, ritos e ritmos de todos os dias: é levantar na hora certa, dar conta das atividades caseiras, ir para o trabalho, para a escola, para a igreja, cuidar das crianças, fazer o café da manhã [...], almoçar jantar, tomar cerveja, a pinga ou o vinho, ver televisão, praticar o esporte de sempre, ler o jornal, sair para um “papo” de sempre, etc... Nessas atividades, é mais o gesto mecânico e automatizado que as dirige que a consciência (NETTO; CARVALHO, 2012, p. 23).

É nesta perspectiva, tomando como objeto a reflexão acerca de duas categorias que se estruturam dentro do âmbito da vida cotidiana e, portanto, se estabelecem, conforme afirma Rossler (2004) na esfera das objetivações genéricas em-si, a partir das quais a vida social se desenvolve de forma articulada com os processos de reprodução, armazenamento e produção/criação da memória, que será necessário apropriar-se de duas categorias apresentadas por Heller (2014) que compõem com força na esfera da vida cotidiana e são cruciais para realizar o entendimento relativo à forma como a memória opera nos processos de transmissão, apreensão

e usos das tradições culturais, valorativas e das condições necessárias para a instrumentalização da vida, a saber: as categorias da assimilação e da imitação.

ASSIMILAÇÃO E IMITAÇÃO NA VIDA COTIDIANA

Ambas as categorias, segundo Heller (2014), fazem parte da estrutura da vida cotidiana e são importantes, no que concerne a proposta deste artigo, para entender a forma como a memória participa dos processos de reprodução social a partir de tais mediações. No contexto da filosofia platônica (1965), na qual a imitação desempenha um papel significativo, o filósofo grego acaba por atribuir a ela uma valoração negativa dado ao seu caráter imitativo. No âmbito da estética, Aristóteles (2015) tematiza a problemática a partir de uma outra perspectiva, compreendendo o caráter imitativo operado sobretudo na tragédia como portador de uma crucial dose de originalidade, o que fornece a obra de arte uma relação de identidade e não-identidade em referência a coisa imitada.

A análise do problema aqui levantado, por outro lado, extrapola em muito o campo da estética no qual tanto Platão (1965), quanto Aristóteles (2015) se debruçaram ao empreender formulações sobre o lugar da arte na sociedade grega do período clássico e sua relação com a imitação. Trata-se, a partir de uma premissa materialista, de uma categoria fundamental para se pensar a reprodução social operacionalizada no âmbito da vida cotidiana, pois é através dela que os sujeitos adquirem os hábitos sociais, usos, costumes e valores de uma dada sociedade apropriando-se, assim, do *ethos*, condição indispensável para o processo de humanização do homem.

Heller afirma que “não há vida cotidiana sem imitação. Na assimilação do sistema consuetudinário, jamais procedemos meramente ‘segundo preceitos’, mas imitamos os outros; sem mimese, nem o trabalho nem o intercâmbio seriam possíveis” (2014, p. 55). Neste sentido, a imitação que se opera no interior da sociedade, desde os primários processos educativos no sentido amplo que ocorrem no seio da família, até as manifestações primárias da linguagem, dos usos, costumes e valores são mediados pela realização da imitação.

Nesta perspectiva, a imitação constitui um aspecto crucial da forma como a reprodução social ocorre no interior da sociedade. Cabe ressaltar, contudo, que a imitação acontece predominantemente no âmbito das relações cotidianas, pois é nesta esfera da vida social que se opera o processo por meio do qual o sujeito, tornando-se social, alcança os primeiros passos em direção a sociabilidade e a humanização. Heller afirma que

Mesmo a vida social mais elementar seria inimaginável sem imitação. A mimese humana distingue-se daquela animal já em suas formas mais primitivas; [...]. Mas, nessa afirmação, deve-se acentuar a ideia de atividade. Pois mesmo a imitação humana mais mecânica é assimilação ativa. O homem não pode alienar-se de sua natureza de um modo absoluto, nem sequer nesse terreno (2014, p. 115).

Por esse entendimento operado pela autora, é difícil não pensar no elemento “novo” contido na imitação também identificado, em alguma medida, por Aristóteles (2015). Cabe ressaltar, contudo, que essa assimilação ativa está presente em todas as atividades nas quais a imitação se realiza a partir do ser social. É essa, sem dúvida, uma das razões pelas quais a imitação é, apesar do seu caráter, sempre diferente em algum sentido.

Para os propósitos aqui estipulados é preciso enfatizar, não obstante, que é abstruso pensar a realização dos processos miméticos sem a participação constante da memória, dado que os elementos oriundos das imitações realizadas pelo ser são apreendidos pela consciência e armazenados na memória. Ainda que o nível de consciência presente nos processos imitativos possa ser questionado, é de se pensar que mesmo nas realizações mais simples há sempre algum nível de consciência envolvido. Evidentemente, diferente da consciência dos animais superiores que se opera de maneira epifenomênica (LUKÁCS, 2013), a do ser social possui um caráter muito mais duradouro e complexo, razão pela qual, mesmo na imitação é possível perceber uma “assimilação ativa” (HELLER, 2014, p. 115) e sua relação indissociável com a memória. Heller esclarece ainda que

A imitação manifesta-se sobretudo como imitação dos usos. Em todos os estágios do desenvolvimento social, o homem nasce num mundo já “feito”, numa estrutura consuetudinária já “feita”. Deve então assimilar esses usos, do mesmo modo como assimila as experiências de trabalho. Desse modo, toma posse da história humana, “ingressa” na história, e esse é o marco em que o homem consegue se orientar (2014, p. 115 – 116).

Neste sentido, a passagem das tradições, dos usos, dos costumes etc., muito bem observadas por Marx e Engels (2007) e Marx (2011), de uma para outra geração ocorre também a partir da assimilação dos processos de trabalho. Evidentemente, aspectos do trabalho, sobretudo daqueles que se operam principalmente a partir de uma base consuetudinária, ocorre com a imitação dos usos das ferramentas, dos materiais, das formas, enfim, das experiências do trabalho que atuam na vida cotidiana do trabalhador singular que realiza uma atividade humano-genérica.

A memória, neste sentido, constitui o elemento que garante a perenidade da assimilação ativa mediada pela imitação, provendo a “certeza” de que uma mesma coisa não precisará ser realizada de forma imitativa e ininterruptamente *ad aeternum*, razão pela qual, apreendido um

processo, valor, uso, costume etc., passa-se imediata ou concomitantemente a imitação e apreensão de novos conhecimentos. Não é demais lembrar que todos esses processos se desenrolam no âmbito da estrutura e dos imperativos da vida cotidiana. A imitação, nesse sentido, não deixa de estar associada as demais categorias apresentadas por Heller (2014), tais como o imediatismo, o economicismo, o pragmatismo, às ultrageneralizações etc., que estão pressupostas em todos os aspectos da vida social que se reproduz dentro da cotidianidade.

Acerca dos sistemas consuetudinários Heller afirma que

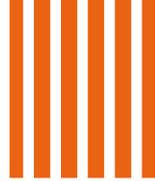
Nos vários terrenos da realidade constroem-se estruturas consuetudinárias diferentes. O homem jamais se enfrenta com usos isolados; ele os “aprende” numa totalidade relativa como sistema, como estrutura. [...]. A sociedade não poderia funcionar se não contasse com sistemas consuetudinários de certo modo estereotipados. Esses sistemas constituem o fundamento do sistema de “reflexos condicionados” do homem, sistema que permite aos membros de uma sociedade mecanizar a maior parte de suas ações, praticá-las de um modo instintivo (mas instintivo por aquisição, não como resíduo de uma estrutura biológica), ou seja, concentrar o pensamento, a força moral etc., nos pontos concretos exigidos pela realização de novas tarefas (HELLER, 2014, p. 116).

Neste sentido, a realização da assimilação dos sistemas consuetudinários por meio da imitação é de fundamental importância para compreender a forma como a sociedade se reproduz em todas as suas esferas, das mais simples às mais complexas, do microcosmo das variações heterogêneas e hierarquizadas presentes na vida cotidiana, até as macroestruturas dos modos de produção, sistemas econômicos, políticos, culturais etc. Trata-se, contudo, de uma relação mediada pelo processo de aquisição dos saberes e, quanto a este aspecto, mediado pela apreensão e pelo armazenamento de tais relações na memória dos sujeitos e, por conseguinte, numa memória humano-genérica.

Heller afirma ainda que a capacidade imitativa do homem não se reduz apenas a “[...] momentos e funções isolados, mas também inteiros modos de conduta e de ação. Baseia-se igualmente na mimese a assimilação de papéis, pois sem a imitação ativa da totalidade de um comportamento não haveria essa assimilação de papéis” (2014, p. 115 – 116). Propõe, por fim, que

As sociedades pré-capitalistas orientavam-se essencialmente para o passado. Isso implicava não apenas numa estabilidade relativa dos usos assimilados, mas também na orientação da totalidade da vida pela atitude das gerações anteriores, dos antepassados. Os filhos imitavam os pais, os netos imitavam os avós; e isso ocorria em todos os aspectos da vida, das experiências da produção até a moral. Essa situação acarretava, entre outras consequências, o prestígio dos anciãos, e a idade se tornava portadora de múltiplos valores. Os velhos eram os que melhor conheciam as experiências do passado e os mais capazes de resumi-las de modo útil (HELLER, p. 117 – 118).

Cabe salientar que mesmo em sociedades cuja orientação esteja voltada para a construção do futuro, como é o caso da burguesa, o caráter imitativo como forma de realização do processo



formativo do ser, a partir do qual se inicia a aquisição das práticas sociais, tradições, valores etc., permanece operante e se espraia, de uma forma ineliminável, ao menos nos procedimentos primários do tornar-se humano do homem, para todos os aspectos da vida cotidiana.

Evidentemente, pensar na amplitude deste processo de reprodução social implica considerar de forma imperativa o fato de que, em detrimento de a repetição de usos e aquisição de hábitos não ocorrer simplesmente como desdobramento de reflexos meramente biológicos, como bem salienta Heller (2014), a memória acaba por desempenhar um papel crucial e ineliminável, pois é ela que assegura, ao seu modo, o acúmulo e a “permanência” dos conhecimentos indispensáveis para a reprodução do indivíduo, da sociedade e do gênero humano.

MEMÓRIA E EXPERIÊNCIA NA VIDA COTIDIANA

Não obstante, nem só de imitação vive o homem, pois, apesar da indispensabilidade dela para os processos de socialidade, a atividade criativa é uma dimensão capital da vida humana, afinal, através dela se materializa não somente a produção do mesmo, que pode ser realizada sempre de formas novas e mais eficazes, como é possível observar cotidianamente a partir da inserção de novas técnicas e tecnologias no processo produtivo, que viabiliza e diversifica sobremaneira para formas novas a extração da mais-valia relativa (MARX, 2013), como também a criação do efetivamente novo no mundo a partir do trabalho criador. Em ambos os casos, ~~na reprodução de mesmo~~ e na produção do novo, a imitação constitui um momento importante estando indissociavelmente articulada aos processos de memória.

Neste sentido, todas as experiências vividas, de forma geral, trazem o indubitável fato de terem se produzido na estrutura da vida cotidiana. É exatamente a partir dessas experiências, realizadas no âmbito da relação com os aspectos mais gerais e, às vezes, mais singulares da generidade humana que as memórias são paulatinamente forjadas. É possível afirmar que todo o conteúdo de memória disposto no ser social e para o ser social é proveniente de duas fontes distintas, a saber: em primeiro lugar, toda a memória do ser social se origina a partir de relações heterogêneas, hierarquizadas, imediatas, superficiais, imitativas, assimiladas etc.ⁱⁱⁱ, com o mundo exterior, experiências essas adquiridas em detrimento da práxis social que, de alguma forma, passam a constituir parte do substrato do conhecimento historicamente adquirido e que constitui a base das escolhas alternativas que o ser social deve fazer ao longo do decurso da vida diante das necessidades postas; em segundo lugar, o arcabouço contido na memória também pode ser



constituído a partir da apropriação das objetivações genéricas da humanidade.^{iv} o que, por sua vez, não deixa de ser algum nível de experiência do/para o ser social.

Neste último aspecto pode ser observado o salto, ainda que momentâneo, que o ser humano-singular realiza em direção ao seu ser genérico, suspendendo a cotidianidade e alcançando formas mais complexas e abstratas de compreender as relações sociais e o mundo ao seu redor, aprendendo, assim, as aspirações e anelos não mais particulares, mas àquelas que dizem respeito a sociedade como um todo. Sobre este movimento, é preciso afirmar que

[...] o retorno à cotidianidade após uma suspensão [...] supõe a alternativa de um indivíduo mais refinado, *educado* (justamente porque se alçou à consciência humano-genérica); a vida cotidiana permanece ineliminável e inultrapassável, mas o sujeito que a ela regressa está modificado. A dialética cotidianidade/suspensão é a dialética da processualidade da constituição e do desenvolvimento do ser social (CARVALHO; NETTO, 2012, p. 71).

Evidentemente, trata-se de uma relação dialética necessária e indispensável quando se tematiza a possibilidade de superação das formas de alienação nas quais o ser social está imerso na sociedade, bem como quando o propósito passa a ser o horizonte da transformação radical do mundo vigente.

Não sem razão, as experiências adquiridas no decurso do tempo passam a constituir a memória a partir da qual o ser social será obrigado a responder diante do mundo. Como afirma Lukács (2013), se elas [as experiências e, por conseguinte, os conteúdos de memória] serão ou não suficientes para enfrentar os desafios que serão postos diante do ser social, de algum modo denuncia sua eficácia frente às necessidades históricas. É preciso dizer, contudo, que a memória nunca será a forma última a partir da qual o sujeito lida com o mundo, mas esses conteúdos serão constantemente analisados e reelaborados pelo ser social de acordo com as próprias demandas objetivas. Isso implica dizer que responder a um determinado problema não significa, unicamente, apropriar-se de um conteúdo de memória e aplicá-lo na realidade, mas, antes, pressupõe elaboração e reelaboração para que as reformulações formadas pela consciência sejam eficazes quanto à resposta fornecida à realidade. Entretanto, tal reelaboração sempre tem como base para a sua realização o reflexo da realidade contido na memória.

É importante ressaltar ainda que, mesmo que no âmbito da realidade as contradições operadas cotidianamente em suas mais diversas manifestações possam passar “despercebidas”, elas igualmente são apropriadas pelo ser social; vir à tona ou não será resultado de uma série de outras determinações, entre elas a forma como o ser social consciente elabora a realidade e o salto possível para além dela, o que Heller (2014) denomina, como já foi mencionado, de “suspensão” da

cotidianidade. Entretanto, a relação imediata que o indivíduo, a partir das demandas que lhe são postas, estabelece com elas, obsta a percepção da totalidade social.

Por esse prisma, a cotidianidade, conforme infere Heller (2014) cindida e fragmenta a totalidade social como um desdobramento inerente ao processo de divisão social do trabalho que aparece ao ser social quase que como uma mônoda desprovida de qualquer relação orgânica, de tal modo que o caráter de totalidade da própria cotidianidade, ante os processos alienantes, se torna imperceptível.

Para a memória, no mesmo sentido, as experiências são acumuladas de forma cindida e fragmentada. Evidentemente, esse caráter particular do processo social, ou seja, o fato de tal conhecimento se encontrar estilizado, ainda que em sua forma consuetudinária já disponha de certas conexões e legalidades próprias, não impede a realização dos processos pré-ideativos, independentemente de se essas posições teleológicas são primárias ou secundárias (LUKÁCS, 2013), muito embora comprometa sobremaneira a percepção do ser-em-si e da complexidade estrutural da realidade na qual está inserido. Desse ponto de vista, cindida a percepção da realidade por parte do ser individual-singular, as elaborações pré-ideativas devem ser compreendidas dentro do horizonte das possibilidades dadas no âmbito da vida cotidiana atendendo, desta forma, muito mais os anseios egoístas individuais relacionados às necessidades socio-reprodutivas mais imediatas possíveis do que aquelas vinculadas aos imperativos humano-genéricos.

Não sem razão, a este aspecto superficial com o qual o relacionamento com a cotidianidade ocorre Kosik (1997) vai denominar de pseudo-concreticidade, no qual a realidade se manifesta, mas, ao mesmo tempo, se esconde. Evidentemente, o autor está chamando atenção para a relação entre essência e aparência, também presente na cotidianidade.

Desta maneira, é pertinente que se afirme que as categorias da imitação e da assimilação constituem formas de realização do ser indispensáveis para a reprodução social. A viabilidade dos processos imitativos e de assimilação, desta maneira, está amplamente associada a relação dialética que a memória, enquanto retentora/armazenadora de informações, guarda com estes processos. Do mesmo modo, o salto possível para além de si mesmo, ou seja, a suspensão possível da cotidianidade não pode prescindir, para sua realização, do uso constante da memória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta proposição geral aqui elaborada, é possível afirmar que, em um mundo social cuja totalidade foi cindida e a fragmentação da realidade resulta da própria forma como a sociedade

se organiza, a composição da memória dos indivíduos deve ser vista e analisada como um desdobramento dessas relações. Evidentemente, tanto o processo de abstração que permite ir do particular para o geral e do geral ao particular já mencionado anteriormente deve ser realizado com base na apreensão e recomposição do objeto na mente que deve, então, ser percebido enquanto uma totalidade articulada. Entrementes, a realização deste processo não pode se dar de outra forma senão mediado pela consciência e, por conseguinte, pela memória que, por sua vez, encontra-se tão fragmentada quanto as próprias relações sociais.

Em suma, é no cotidiano que se adquire, produz, reproduz e cria-se as memórias e é também nele que a consciência se apropria dos seus conteúdos, tanto aqueles frutos de experiências mais concretas e imediatos quanto dos adquiridos nas relações consuetudinárias que informalmente fundamentam, no campo da superficialidade, os valores éticos e morais. Deste modo, a reprodução social jamais poderá alhear-se da cotidianidade, pois é nesta esfera particular das relações sociais onde se opera efetivamente a produção e a reprodução da totalidade social; por fim, chega-se à inevitável conclusão de que se, por um lado, não há reprodução social possível sem o necessário envolvimento dos processos de memória, por outro, a realização de tais processos, tampouco, seriam possíveis sem a imitação e a assimilação.

NOTAS EXPLICATIVAS

ⁱ As psicopatologias e as neuropatologias que podem afetar o funcionamento da memória não constituem objeto de investigação deste artigo.

ⁱⁱ Não há ser social sem memória. Trata-se de uma existência concreta na sua forma e dinâmica no seu conteúdo.

ⁱⁱⁱ Conforme afirma Heller (2014), tais categorias fazem parte da estrutura da vida cotidiana e, nesta condição, se articulam, igualmente, para os processos de criação da memória do ser social, afinal, não há cotidianidade sem memória, assim como não há memória fora das estruturas da vida cotidiana. Ainda que a memória possa alçar, acompanhando à consciência, a condição de humano-genérica, sua base, o ponto de partida, será, sempre, essas estruturas que se articulam na vida cotidiana.

^{iv} Evidentemente, conforme salienta Duarte (2013), alcançar a individualidade para si pressupõe, também, realizar a apropriação das objetivações genéricas para si da humanidade. Do mesmo modo, acompanhando o processo de desenvolvimento tanto do indivíduo-singular quanto do genérico, a memória não pode ser algo diferente do que o ser é. Assim, tais objetivações podem constituir conteúdos de memória para o ser social.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Metafísica**. 5ª. Edição: texto grego com tradução e comentários de Giovanni Reale ensaio introdutório. Vol. II. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

CARVALHO, Maria do Carmo Brandão de e NETTO, José Paulo. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. 10ª edição. São Paulo: Cortez, 2012.

DUARTE, Newton. **A individualidade para si: contribuições teóricas**. 3ª ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2013.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 10ª ed. Tradução: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social I**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho [et. al.]. São Paulo: Boitempo, 2012.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social 2**. Tradução: Ivo Tonet, Ronaldo Vielmi Fortes Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas**. supervisão editorial, Leandro Konder. Tradução: Nélio Schneider, Luciano Cavini Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. **Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857 a 1858**: esboço da crítica da economia política. Tradução: Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011a.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital**. Tradução: Rubens Enderle. Vol. I. III vols. São Paulo: Boitempo, 2013.

PLATÃO. **A República**. Tradução: J. Ginsburg. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.

ROSSLER, João Henrique. O desenvolvimento do psiquismo na vida cotidiana: aproximações entre a psicologia de Alexis N. Leontiev e a teoria da vida cotidiana de Agnes Heller. **Cad. Cedex**, Campina, Abril 2004: 100-116.

SANTOS, Alexandre de Jesus. **Memória e ontologia do ser social: contribuições a uma teoria marxista da memória**. Tese (Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade) - Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2021, 268f

